

VOZES DIVERSAS

DIFERENTES SABERES



SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXX SIC

15 A 19
OUTUBRO
CAMPUS DO VALE



A PRAIA DO GUARUJÁ

RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA E AMBIENTAL DE UM ETHOS PASSADO

Matheus Cervo*

Orientadora: Ana Luiza Carvalho da Rocha**

Fotografia: Praia de Ipanema em 1950; acervo de Janete Machado.

INTRODUÇÃO

Estudando a cidade pelo enquadramento teórico e metodológico da etnografia da duração (ECKERT e ROCHA, 2013c) como parte do projeto realizado pelo Banco de Imagens e Efeitos Visuais - UFRGS, essa pesquisa objetiva a construção de coleções etnográficas (ECKERT e ROCHA, 2013a) sonoras e imagéticas para estudar a memória coletiva (HALBWACHS, 1990) do bairro que, antigamente, era denominado como balneário Guarujá.

PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

Para além do método etnográfico e do diário de campo (MALINOWSKI, 1922), foram realizadas entrevistas não-diretivas (THIOLLENT, 1985) através de tópicos de conversação sugeridos pelo pesquisador para conhecer a forma como os antigos residentes rememoram a vida vivida no bairro. Todavia, como é próprio de uma entrevista etnográfica, o roteiro de pesquisa apenas serviu como uma forma inicial de suscitar reflexões para, posteriormente, adentrar nos jogos da memória do interlocutor. Se alguns entrevistados apenas concederam um encontro, outros interlocutores se tornaram parceiros de pesquisa no processo constante de restituição do material - possibilitando a elaboração de uma antropologia mais simétrica e ética. Foi construído um banco de dados estruturado pelo software de análise qualitativa NVivo com a finalidade de intuir significados através do método de convergência (DURAND, 1984).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. A Dialética da Duração. São Paulo: Ática, 1988.
- ECKERT, C. ; ROCHA, A. L. C. . A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas. 1. ed. Brasília: ABA, 2015a.
- ECKERT, C. ; ROCHA, A. L. C. . Etnografia da duração – antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. 1. ed. Porto Alegre: Marcavisual, 2013c.
- DURAND, Gilbert. Les structures anthropologiques de l'imaginaire. Paris: Dunod, 1984.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.
- MALINOWSKI, Bronislaw. The Argonauts of Western Pacific. New York: Dutton, 1942.
- SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida Mental". In: VELHO, Otávio G. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- THIOLLENT, Michel J. M. (org). Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. 4 ed. São Paulo: Polis, 1985.
- VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

OBJETIVO

Escolhendo como universo de pesquisa uma região ainda pouco estudada na zona sul de Porto Alegre, objetivo estudar os impactos dos ritmos temporais portoalegrenses nas formas de sociabilidade e visões de mundo apreendidas através de narrativas biográficas dos antigos moradores. A fim de compreender as multiplicidades temporais (BACHELARD, 1988) que compõem esse tecido urbano e suas formas de socialização (SIMMEL, 1979), a pesquisa desvenda as diferentes rítmicas encontradas nos jogos da memória dessa comunidade através das chaves conceituais da Antropologia do Imaginário e da Imagem. Trata-se de compreender a cidade como fenômeno temporal e entrelaçar o tempo do mundo ao tempo vivido em uma antropologia das sociedades complexas (VELHO, 1981). A formulação da problemática de pesquisa é composta pelas categorias e palavras-chave que compõem a estrutura do banco de conhecimento do BIEV inspirada pelo método de convergência de (DURAND, 1984).

CONCLUSÕES INICIAIS

Foram analisados dados coletados de oito entrevistas etnográficas com antigos moradores, quatro entrevistas com novos ocupantes de um condomínio do "Minha Casa, Minha Vida" chamado Vitória, fotografias de família de moradores de Ipanema e Guarujá e revisão documental do acervo físico de 1994-2018 do jornal de bairro denominado Jornaleção. Os relatos dos moradores mais antigos relatam a divisão da região na década de 30 em três chácaras que pertenciam a Janga Mendes, Schilling e Mario Assunção. Com pouquíssimo comércio e conexão com a zona central de Porto Alegre, são relatadas histórias vividas nos pequenos e poucos armazéns criados nas casas de moradores e nos trilhos de trem da única estrada da região criada para transporte de gado até o antigo matadouro no ancoradouro da Serraria. Em diferentes tempos e intensidades, as chácaras foram sendo loteadas e vendidas para "veranistas" que, em peso, eram católicos oriundos das camadas médias que ocupavam a região com um *ethos* (GEERTZ, 1989) semelhante ao do bairro Ipanema e sua valorização das águas do Guaíba como fonte de lazer. Apesar da constituição do balneário da região enquanto um local de formas de sociabilidades diversas e intensas – incluindo acampamentos que duravam do mês de dezembro a fevereiro –, a memória coletiva de alguns entrevistados constata a "degradação do bairro" após o período de poluição das águas do Guaíba em meados da década de 60 e das ocupações ditas "irregulares" em diversas localidades, modificando drasticamente os laços de vizinhança e visões de mundo ao longo da segunda metade do século XX.